

Os cosmoramas de Inês

Carolina Casarin¹

Resumo

Em 11 de fevereiro de 1912 Oswald de Andrade embarcou em Santos no navio Martha Washington para, pela primeira vez, cruzar o Oceano Atlântico a caminho da Europa. A distância ensejou a troca de cartas entre Oswald e seus pais, Inês Henriqueta e José Oswald, que estavam em São Paulo. Esta correspondência está no Fundo Oswald de Andrade sob a guarda do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Neste artigo, publicamos pela primeira vez um dos documentos que compõem esse conjunto, a carta datada de 22 de abril de 1912, endereçada a “Seu Oswaldinho” e assinada como “Recado de Dona Inês”. É um documento precioso pois seu conteúdo indica a importância da construção da aparência numa dimensão ampla, que passa por hábitos de consumo (o que era consumido, e como) e pela constituição de um gosto moderno.

Palavras-chave: Oswald de Andrade. Correspondência. Modernismo.

Abstract

On February 11, 1912, Oswald de Andrade boarded the ship Martha Washington in Santos to, for the first time, cross the Atlantic Ocean on his way to Europe. The distance prompted an exchange of letters between Oswald and his parents, Inês Henriqueta and José Oswald, who were in São Paulo. This correspondence is in the Oswald de Andrade Fund under the custody of the Alexandre Eulálio Documentation Center (CEDAE), at the State University of Campinas (Unicamp). In this article, we publish for the first time one of the documents that make up this collection, the letter dated April 22, 1912, addressed to “Seu Oswaldinho” and signed as “Recado de Dona Inês” (message from Dona Inês). It is a precious document because its content indicates the importance of constructing appearance in a broad dimension, encompassing consumption habits (what was consumed, and how) and the constitution of a modern taste.

Keywords: Oswald de Andrade. Correspondence. Modernism.

¹ Carolina Casarin é professora de história do vestuário e da moda e figurinista. Doutora em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com doutorado sanduíche no Institut d’Histoire du Temps Présent, em Paris (França), é autora do livro *O guarda-roupa modernista: o casal Tarsila e Oswald e a moda* (São Paulo: Companhia das Letras, 2022). Lecionou e deu palestras em diversas instituições, como SENAI CETIQT (Rio de Janeiro), Faap (São Paulo) e Universidad Nacional de Rosario.

Introdução

Em 11 de fevereiro de 1912 Oswald de Andrade embarcou em Santos no navio Martha Washington para, pela primeira vez, cruzar o Oceano Atlântico a caminho da Europa. Ao longo da viagem, que durou sete meses, Oswald visitou Nápoles, Milão, Roma, Paris, Londres, entre outras cidades na Alemanha, na Bélgica, na Espanha, e a distância ensejou a troca de cartas entre Oswald e seus pais, Inês Henriqueta e José Oswald, que estavam em São Paulo. Esta correspondência está no Fundo Oswald de Andrade sob a guarda do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

O conteúdo das cartas trocadas entre Oswald e os pais é bastante afetuoso e coezinho. Inês e José Oswald falam do envio de dinheiro, de conselhos e notícias sobre os negócios imobiliários e a cidade de São Paulo, de advertências em relação aos primos e cautela com os gastos e as companhias. Oswald, por sua vez, dá notícias da viagem, justifica o uso do dinheiro, manda um cartão-postal com um retrato, expressa afeto e saudade. Publicamos aqui pela primeira vez um dos documentos que compõem esse conjunto, a carta datada de 22 de abril de 1912, endereçada a “Seu Oswaldinho” e assinada como “Recado de Dona Inês”, tendo sido redigida por pessoas da casa, prática recorrente na correspondência trocada entre mãe e filho. É um documento precioso pois seu conteúdo indica a importância da construção da aparência numa dimensão ampla, que passa por hábitos de consumo (o que era consumido, e como) e pela constituição de um gosto moderno.

Inês Inglês de Souza, como revela seu nome de solteira, descendia de uma tradicional família do Pará de profissionais liberais.² O pai, Marcos Antônio Rodrigues de Souza, foi desembargador e um dos irmãos, Herculano Marcos Inglês de Souza, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e autor de Contos amazônicos (1893) e do romance O missionário (1888). Além de escritor, Inglês de Souza estudou Direito em Recife e São Paulo. O autor “fez política durante o Império, alcançando a presidência de Sergipe e do Espírito Santo. Especialista em Direito Comercial, ensinou essa disciplina na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro”³. Oswald faz referência ao tio em Um homem sem profissão. É na casa dele que se hospeda em 1910, quando conhece a cidade do Rio de Janeiro: “Hospedei-me no palacete da rua São Clemente, onde faustosamente morava meu tio, o escritor Herculano Marcos Inglês de Souza”.⁴

Mas toda a riqueza e a erudição dos Inglês de Souza não garantiram às mulheres da família o acesso à cultura e ao mundo letrado. Inês havia recebido apenas a

2 “Uma das famílias fundadoras do Pará, estabelecida no porto de Óbidos”, segundo nos informa Orna Messer Levin na cronologia publicada na primeira edição da Companhia das Letras de Um homem sem profissão (ANDRADE, Oswald de. Um homem sem profissão: memórias e confissões. 1890-1919: sob as ordens de mamãe. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 186).

3 BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 192.

4 ANDRADE, O., Op. cit., p. 71.

educação básica. Seu pai, de modo a tentar equilibrar a ausência de capital cultural que não legara à prole feminina, “tendo dado como patrimônio a ilustração aos filhos, deixara a cada uma das filhas, que apenas haviam tido colégio, e que eram Inês e Carlota, a soma de cinquenta contos de réis”.⁵

O dote assegurou o casamento com José Oswald Nogueira de Andrade, que àquela altura, nos anos 1880, havia reerguido financeiramente sua família. Com quase quarenta anos e tendo se firmado em São Paulo com as irmãs, sustentados com o aluguel de escravos, José Oswald trabalhava para o futuro sogro. Certo dia, conta o nosso escritor, “sentindo-se doente e velho, meu avô, já com bastante intimidade com o seu corretor, chamou-o certa noite à razão. Por que não se casava?”.⁶

Oswald de Andrade era filho único de Inês Henriqueta e José Oswald. Criado num ambiente de cuidado excessivo, a figura da mãe marcou profundamente sua história. “Soube cedo que era filho único, que perdera um irmãozinho que não me lembro de ter conhecido. Que meus pais, particularmente mamãe, rezavam muito a Deus e faziam promessas aos santos de sua devoção”,⁷ ele conta em suas memórias.

A partir da correspondência de Oswald de Andrade com os pais enquanto ele visitava a Europa em 1912 é possível compreender o valor da presença da mãe na vida do escritor. E a publicação da carta aqui reproduzida de maneira inédita visa fornecer elementos que possam dar contornos à figura de Inês Henriqueta, já que ela foi essencial para a conformação do caráter de Oswald, tanto do ponto de vista afetivo, é evidente, mas também na perspectiva do interesse que ele cultivou pela modernidade e a consciência apurada que teve da importância da vida material (roupas, objetos etc.) nos embates políticos e culturais em torno do modernismo brasileiro.

Nas cartas de Inês a Oswald são muitos os pedidos de presentes e encomendas, minuciosamente detalhados. Além disso, as recomendações para o bom uso do dinheiro marcam o importante lugar que o consumo ocupava no dia-a-dia da família, tornando-se assunto constante ao longo da correspondência. Nas primeiras décadas do século XX, com uma industrialização ainda incipiente, a prática de compra de itens europeus – de utensílios domésticos às roupas, passando por objetos de decoração – não era uma exclusividade da família de Oswald de Andrade, já que constituía um estilo de vida que consolidava o prestígio de uma elite não numerosa que buscava para si uma fisionomia aburguesada. No Brasil, mercadorias estrangeiras, sobretudo inglesas e francesas, abasteciam a mesa e o vestuário de parte da população.

5 Ibidem, pp. 19-20.

6 Ibidem, pp. 28-29.

7 Ibidem, p. 24.

“Não poupe dinheiro consigo, procure boa comida, roupa”, escreve José Oswald em 3 de abril.⁸ Os pais, apesar de pedirem prudência com os gastos, deixam clara a intenção de investir na vida material e no capital cultural de Oswald. Ao final de maio, em carta escrita pelo marido, Inês se dirige ao filho: “Ela pergunta se você aceitou o conselho de frequentar bons hotéis para fazer boas relações e civilizar-se”.⁹ Uma marca de prestígio para a elite de São Paulo, que colaborava para a legitimação de um gosto de classe, era o acesso não somente às mercadorias, mas igualmente aos bens simbólicos que uma estadia na Europa proporcionava ao imaginário brasileiro. Por meio das cartas percebemos a intenção civilizatória da viagem, um processo de aprendizagem do qual o jovem sairia homem adulto. O contato com o continente europeu deveria servir como um rito de passagem, a despeito dos riscos presentes nas sociedades civilizadas:

Pelas suas cartas se vê que você não tem feito a vida que te instrua e faça conhecer os homens e as coisas. Entretanto nós muito desejamos que você venha daí homem instruído, civilizado, conhecedor do mundo, enfim um perfeito cavalheiro. Tenha cuidado com a sífilis daí que diz o Murtinho ser terrível.¹⁰

Pensando especificamente no vestuário do marido, Inês encomenda ao filho “uma dúzia de camisas de peito de linho bom n. 37 e uma dúzia de colarinhos de linho n. 38 e uma dúzia de pares de punhos de linho. As camisas que sejam todas brancas e que marque tudo com a letra J para não pagar direito”.¹¹ Em outras cartas, ela pede que Oswald compre ternos claros para o verão. Em 17 de julho, “Inês recomenda que compres roupa de linho para o verão e que toda que trazer seja marcada ao menos com uma inicial para não pagar direitos”,¹² repetindo, no dia seguinte, para “não se esquecer de marcar a roupa para não pagar direito da roupa e compre em Londres ternos de brim brancos para o senhor vestir aqui no verão”.¹³ Vê-se que são frequentes as recomendações quanto aos cuidados que deveriam ser tomados em relação à passagem pela alfândega. A mãe pede a Oswald que marque as roupas para que os produtos não fossem tidos como novos, evitando, assim, as taxas alfandegárias. Na década de 1920, na correspondência de Tarsila do Amaral com a família (seus pais e Dulce, sua filha), essa prática se mantém, pois constam pedidos de encomendas acompanhados das mesmas recomendações em relação à passagem pela alfândega.

8 Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Fundo Oswald de Andrade, código de referência BR UNICAMP IEL/CEDAE OA 02 2 00148.

9 Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Fundo Oswald de Andrade, código de referência BR UNICAMP IEL/CEDAE OA 02 2 00164.

10 Ibidem.

11 Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Fundo Oswald de Andrade, código de referência BR UNICAMP IEL/CEDAE OA 02 2 00178.

12 Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Fundo Oswald de Andrade, código de referência BR UNICAMP IEL/CEDAE OA 02 2 00175.

13 Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Fundo Oswald de Andrade, código de referência BR UNICAMP IEL/CEDAE OA 02 2 00176.

Na carta que temos a oportunidade de reproduzir, Inês encomenda um divã de marroquim, cestas de piquenique e cosmoramas. O cosmorama “é uma coleção de quadros representando lugares e monumentos, os mais famosos do universo”¹⁴. O aparelho tinha o formato de uma “caixa retangular fechada dos lados; no seu interior eram colocados um feixe luminoso e uma placa de vidro pintada com a vista ou a cena a exibir”¹⁵. Os cosmoramas chegaram ao Brasil no início do Segundo Reinado, e tiveram grande aceitação. Por mais que o cinema tenha relegado a um completo declínio e desaparecimento certas formas de “espetáculo” utilizadas com finalidade lúdica, como as câmaras escuras, as vistas ópticas, os panoramas e os cosmoramas,¹⁶ tudo indica que, no contexto da elite paulistana da primeira década do século XX, o cosmorama continuava a servir como uma distração.

O cosmorama é um interessante artefato da modernidade que Inês desejava que servisse de diversão para as visitas que recebesse em casa. Nesse sentido, vale a pena relacionar as vistas do cosmorama à “cinematografia literal”¹⁷ que, segundo Roberto Corrêa dos Santos, caracteriza a escrita de Oswald. Aliás, parece que ele também herdara da mãe o gosto por uma sociabilidade animada. “Minha mãe”, ele diz, “trazia do Norte o comunicativo, o animoso e a festividade”.¹⁸ Talvez, as características que ele reconhecia em sua mãe fossem as responsáveis pela “sociabilidade imperiosa de Oswald”, notada por Antonio Candido, “homem que não sabia ficar só e precisava dos outros para se estimular, rir, brigar, passar o tempo, como se a falta de convívio fosse o próprio mal, o vazio insuportável da privação”.¹⁹ Também chama atenção, nas atitudes de Inês, seu interesse por objetos modernos. Em suas memórias, Oswald lembra da primeira vez que vira um fonógrafo, em casa de

um velhote chamado Fernando de Albuquerque, a primeira pessoa que conheci americanizada. Fazia grandes viagens aos Estados Unidos, donde trazia engenhosas novidades. Numa soirée em casa dele, nessa chácara imensa, foi-me apresentado o fonógrafo: – É uma coisa que a gente põe um fio na orelha e ouve! Minha mãe fez questão que eu comparecesse a essa apresentação da espantosa descoberta: – Uma coisa que roda e a gente escuta tudo!²⁰

14 CUNHA, Lygia da F. F. da. Panoramas e cosmoramas: distrações populares do Segundo Reinado. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venicio; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (Org.). O acervo iconográfico da Biblioteca Nacional: estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, pp. 207.

15 Ibidem, p. 210.

16 ANDRADE, Joaquim M.F. Panorama circular do Rio de Janeiro, visível do morro de Santo Antônio. Brasiliana Fotográfica. Rio de Janeiro, 15 dez. 2015.

17 SANTOS, Roberto Corrêa dos. “O político e o psicológico”. In: TELES, Gilberto Mendonça [et al.]. Oswald plural. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1995, p. 103.

18 ANDRADE, O., Op. cit., p. 31.

19 CANDIDO, Antonio. Recortes. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 49.

20 ANDRADE, O., Op. cit., p. 43.

O destino trágico da morte de Inês poucos dias antes da chegada de Oswald a São Paulo confere uma aura fantasmagórica aos objetos listados na carta que agora publicamos. Não sabemos se o divã chegou a ser encomendado ou se o escritor por fim trouxe os cosmoramas pedidos pela mãe. “Em 1912, chegando de minha primeira viagem à Europa, e encontrando morta minha mãe, nos mudamos logo de moradia, eu e meu pai. Ao fechar o aposento dela, já com a casa vazia de móveis e pessoas, me ajoelhei para beijar o chão, no local onde mamãe falecera”.²¹ Se a viagem lhe trouxera a experiência de liberdade, ela também significou aquilo que Oswald nomeou como seu “dissídio com Deus”²². A morte da mãe se impõe como uma grande ausência, ratificada pelo fato de não ter estado presente no momento de seu falecimento e nem no enterro.

Mas não seria justo com Inês Henriqueta que este texto terminasse com uma paisagem de objetos e móveis solitários numa casa vazia. “A mãe, cuja voz cresce do fundo do sofá de palhinha, tem a verdade dos grandes personagens”,²³ aponta Candido no “Prefácio inútil” de *Sob as ordens de mamãe*. Imagino Inês ditando as cartas, os recados, os conselhos. Com que fôlego e entonação sua voz terá pronunciado os preciosos detalhes de uma imaginação permeada por ricos objetos, ou as lamúrias amorosas da maternidade e do afeto. “Lembro-me da senhora gorda que era D. Inês, minha mãe, me descascar laranjas, na janela do quarto do Hotel de La Plâge, de ela mandar dar gorjeta ao chefe da cozinha, a fim de obter, na mesa, bom peixe”.²⁴ É esta mulher que desejamos aqui evocar.

*

A carta publicada pela primeira vez neste dossiê é um manuscrito autógrafo a tinta preta, duas folhas. Texto escrito na frente da primeira folha e na frente e no verso da segunda.²⁵ Ao transcrever a carta, optei pela atualização ortográfica, obedecendo ao padrão editorial, inclusive dos nomes próprios, como o da mãe de Oswald, cuja grafia no documento é Ignez, mas na edição de *Um homem sem profissão: memórias e confissões*, pela Companhia das Letras (2019), coordenada por Jorge Schwartz e Gênese Andrade, foi adotado “Inês”.

Os escritos epistolares são documentos que têm várias camadas de significados, e que nos encaminham a percepções de texto e contexto, por isso achei necessária a inserção de algumas notas explicativas. Há dois trechos curtos ilegíveis, apontados em negrito e entre colchetes.

21 Ibidem, p. 19.

22 Ibidem, p. 94.

23 Ibidem, p. 11.

24 Ibidem, p. 25.

25 Documento BR UNICAMP IEL/CEDAE OA 02 2 00154, Fundo Oswald de Andrade, Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Agradeço imensamente a senhora Marília de Andrade, única filha viva de Oswald de Andrade, por ter autorizado a publicação deste documento tão importante.

*

São Paulo 22 de Abril de 1912

Seu Oswaldinho

D^a Inês manda dizer para o senhor que recebeu uma carta do senhor mas achou tão pequenina que não matou as saudades, ela lhe escreveu uma carta e seu Andrade já levou para o correio, dentro desta carta foi uma nota das encomendas que seu Andrade lhe escreveu, ela quer o divã²⁶ de 1 metro [trecho curto ilegível] 80 cto. de comprimento e de 85 centímetros de largura [trecho curto ilegível] quer que tenha duas cabeceiras (quer duas) que tenha encosto tanto do lado da cabeça como dos pés, e quer também encosto acolchoado no fundo do divã, e quer que o divã seja todo acolchoado e de molas bem fortes quer que o senhor mande fazer de encomenda mesmo na Inglaterra, porque aí o trabalho é melhor e mais forte, portanto as molas são mais fortes do que nas fábricas de Paris, que as obras têm beleza mas não tem fortaleza.²⁷ É para o senhor falar mesmo com o encarregado da fábrica para fazer da fazenda mais forte que tiver de marroquim²⁸ ou polimento (se pudesse fazer) se for de marroquim, para o senhor mandar fazer de cor escura como seja grená verde-escuro, vermelho escuro e marrom. E se for de polimento pode vir preto contanto que seja da fazenda mais forte e que esteja

26 Vânia Carneiro de Carvalho, no livro **Gênero e artefato**, atenta para a maneira como as “diferenças de gênero” são marcadas materialmente em práticas corporais, como o sentar-se, e na vida doméstica material: “Se observarmos as práticas corriqueiras, como o sentar-se, veremos, com mais clareza, a indissociabilidade entre os usos instrumentais, hierárquicos e sexuais. O que pretendemos demonstrar, no caso especificamente brasileiro, é que no uso de cadeiras, sofás, marquesas, divãs, redes e esteiras observa-se uma co-variação entre o desenvolvimento de dispositivos ligados ao conforto físico e às mudanças de hábitos femininos e masculinos no sentar-se. Ao mesmo tempo em que tais mudanças reformularam as diferenças de gênero, elas serviram para criar novas formas de discriminação social, fenômeno que supomos ter sido mais significativo em São Paulo, onde os hábitos rurais de acocorar-se ou sentar-se ao chão, considerados rústicos, atingiram, até o início do século XIX, um espectro social mais amplo e tiveram um tempo de vida mais longo, se comparados à europeização carioca” (CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato**: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2008, p. 195).

27 Sobre o assunto, José Carlos Durand afirma: “O comércio inglês no Brasil era bem mais importante que o francês, em valor dos negócios, mas lidava com artigos de consumo geral. Em termos de roupa, importava sobretudo tecidos de lã e de algodão, mas não era raro que trouxesse também paletós ‘redingote’ e camisas, servindo sobretudo à clientela masculina” (DURAND, José Carlos. **Moda, luxo e economia**. São Paulo: Babel Cultural, 1988, p. 64).

28 Marroquim: couro curtido de cabra ou de bode, tingido do lado da flor (ou seja, a camada externa do couro, o lado do pelo) e preparado para artefatos. Usado na confecção e no revestimento de diversos utensílios, como sapatos, forros de sofás e poltronas, encadernações de livros etc. (segundo TERMINOLOGIA DO VESTUÁRIO e Dicionário Houaiss da língua portuguesa).

em uso.²⁹ Quando o senhor for para a Inglaterra para avisar por telegrama a sua partida para seu Andrade remeter o dinheiro para o banco, para o divã e para o senhor gastar. As cestas para o piquenique o senhor pode comprar em Paris em Londres ou onde o senhor achar melhor que sejam de palha e forte. As cestas que sejam de meio metro de comprimento mais o menos, e a altura mais o menos da mesma medida, quer as cestas forradas por dentro de marroquim, e que traga os preparos que as cestas costumam trazer como por ex.: copos garrafas pratos e mais pertences pendurados em abas de marroquim nas paredes das cestas do lado de dentro, e que o centro das cestas fiquem vazios para serem ocupados com pão e frutas e mais comidas que se precise levar os talheres que venham nas tampas das cestas. Quer também que o senhor traga algumas vistas da Inglaterra não esquecendo do Palácio de Cristal e do Vaticano, e outras vistas de Paris Alemanha e Itália etc. grandes e pequenas e duas máquinas de meio metro mais o menos de comprimento e altura correspondente com óculos de aumento para colocar sobre a mesa da sala, e por meio destas máquinas serem vistas as vistas por meio de óculos de aumento. São baratas que seu avô quando veio da Europa trouxe de Paris e disse que eram baratas chamam-se estas máquinas cosmoramas. As vistas devem ser as grandes de meio metro mais o menos de comprimento para servirem nos cosmoramas para serem vistas por meio dos óculos e 3 pequenas de tamanho correspondente a 1 palmo de homem e com óculos de aumento, as vistas pequenas que sejam de tamanho que sirvam nas máquinas pequenas. As máquinas grandes é para dar 1 para a irmã Ursula e outra D^a Inês quer que fique em casa para distrair as visitas quando vierem e as pequenas ela quer para dar de presente. A Dona Anna mãe de D^a Lucinda manda muitas lembranças para o senhor e manda dizer que tem rezado sempre as orações que o senhor lhe pediu que rezasse. O divã deve ser despachado e encaixotado na fábrica para João Adolpho Schritzmeyer e a fábrica mande o aviso para a rua Sto. Antonio 50 que ele receberá e guardará se estivermos ausentes. Lembranças de todos os conhecidos.

Recado de D. Inês

*

29 Chama atenção a riqueza de detalhes das encomendas e o pedido para que o tecido que recobre o divã “esteja em uso”, ou seja, esteja na moda.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Joaquim M.F. **Panorama circular do Rio de Janeiro**, visível do morro de Santo Antônio. Brasiliiana Fotográfica. Rio de Janeiro, 15 dez. 2015.

ANDRADE, Oswald de. **Um homem sem profissão: memórias e confissões. 1890-1919: sob as ordens de mamãe**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Recortes**. 1ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material. São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/ Fapesp, 2008.

CUNHA, Lygia da F. F. da. **Panoramas e cosmoramas: distrações populares do Segundo Reinado**. In: SANTOS, Renata; RIBEIRO, Marcus Venício; LYRA, Maria de Lourdes Vianna (Org.). **O acervo iconográfico da Biblioteca Nacional: estudos de Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010, pp. 205-211.

DURAND, José Carlos. **Moda, luxo e economia**. São Paulo: Babel Cultural, 1988.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. "O político e o psicológico". In: TELES, Gilberto Mendonça [et al.]. **Oswald plural**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1995.

TERMINOLOGIA DO VESTUÁRIO: português; espanhol-português; inglês-português; francês-português. São Paulo: Escola SENAI "Engº. Adriano José Marchini" - Centro Nacional de Tecnologia em Vestuário, 1996.